

## ENTRE TRADIÇÕES CRIOULAS E MODERNIDADE: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CABOVERDIANA NA REVISTA CLARIDADE

ELISANGELA APARECIDA DA ROCHA\*

\* Universidade de São Paulo – USP.



### *Resumo*

O presente artigo é parte do estudo realizado no projeto de doutorado desenvolvido na Universidade de São Paulo, projeto que tem como tema o estudo minucioso dos nove números da revista *Claridade* – revista de Letras e Artes – com o intuito de analisar como a construção identitária caboverdiana, a caboverdianidade, é representada nas publicações ocorridas entre os anos de 1936 e 1960, pautando-se em resgatar tradições culturais do arquipélago num contexto de modernidade literária. Para tanto será analisada uma das mais importantes manifestações culturais do arquipélago, o “Batuque”.

Palavras-Chave: Claridade; Literatura Caboverdiana; Modernismo Brasileiro; Tradição; Batuque.

“No campo da Literatura, é possível constatar que os escritores crioulos têm utilizado sobejamente o intercâmbio com o discurso musical identitário como recurso para expressar a cabo-verdianidade.” (GOMES, 2008, p. 145-146)

O caminho nem sempre é suave ao falarmos da relação entre a tradição e modernidade, nas literaturas africanas de língua portuguesa. Dois aspectos comumente colocados como opostos que fundam o pensamento que coloca erroneamente o moderno ligado aos aspectos eurocêntricos e a tradição ao contexto africano. O que propomos aqui é o deslocamento, se não a negação, desse paradigma, primeiramente ao apresentar a modernidade, não oposta, mas aliada à tradição, como elemento constitutivo da caboverdianidade. A presente comunicação apresenta um recorte do projeto de pesquisa de doutorado, desenvolvido na Universidade de São Paulo, centrado no questionamento acerca da construção identitária do arquipélago de Cabo Verde, no intuito de investigar como se dá este diálogo entre a tradição e a modernidade. Para tanto, propomo-nos investigar a revista *Claridade*, considerada

marco na construção da caboverdianidade e na assunção da modernidade crioula, no intuito de buscar a compreensão dos aspectos que marcaram esse processo, tendo como foco central as tradições retratadas na revista, que pretendem fundar manifestações das diversas ilhas como imaginário identitário comum a todos os caboverdianos, inclusive os dispersos pelo mundo.

O contexto do surgimento da revista **Claridade** se dá em meio às consequências da grande depressão de 1929. Cabo Verde, um país em que o índice de emigração é extremamente relevante, não poderia se furtar a sentir os reflexos causados pela crise econômica mundial.

De acordo com Manuel Brito-Semedo (2006) a publicação de excertos do romance **Chiquinho**, de Baltasar Lopes, na primeira edição da revista **Claridade**, em 1936, denuncia a situação dramática do povo caboverdiano frente à seca, à fome e à necessidade de emigrar, temática que não mais abandonaria a literatura do arquipélago, seja pela afirmação ou pela recusa. Ao retratar um drama pontual das ilhas, provocado pelas condições climáticas extremas, agravadas pelos fatores sociais e econômicos, Baltasar Lopes fixa um conjunto de traços que definiriam Cabo Verde da época, o mesmo podemos observar nos romances sociais da década de 1930 no Brasil, o que já rendeu numerosos estudos comparatistas entre romances realistas brasileiros e caboverdianos. O fato de tal representação realista estar presente no primeiro número da revista não é fortuito, uma vez que **Chiquinho** propõe-se como registro de temas relevantes à cultura e à história do arquipélago.

Assim sendo, a revista **Claridade** surge no contexto caboverdiano como um marco de modernidade que se apóia num modelo brasileiro de autonomia literária e política, mas alicerçado num forte sentimento de pertença em relação ao seu espaço, seja ele geográfico – regional – ou cultural, dando continuidade a um processo que se inicia na gênese do sentimento nativista, em meados do século XIX, com Pedro Cardoso e Eugénio Tavares.

Duramente criticada pelas gerações posteriores, que a acusaram de não ser engajada, a primeira geração da revista **Claridade** seria mais tarde reconhecida por sua importância na formação da caboverdianidade e de um construto identitário que serviu de fundamento para a reivindicação da independência da colônia.

Isto posto, um aspecto da revista que merece atenção e destaque é a materialização das tradições culturais das várias ilhas, que conviveu com a intertextualidade com obras dos modernistas brasileiros, desenvolvendo temas para forjar uma caboverdianidade. Observamos, logo no número inicial da **Claridade**, a opção do grupo por abri-lo apresentando um texto – em crioulo – referente ao batuque, manifestação africana identitária da Ilha de Santiago. No campo das tradições musicais presentes na revista, logo no segundo número, publicado também em 1936, está presente – além de estudos sobre a “língua” caboverdiana e a apresentação de contos populares como “O lobo e o Chibinho” – o texto de Xavier da Cruz, “Venus”, uma “morna” grafada em crioulo. É importante lembrar que a morna é considerada como uma tradição pertencente a todas as ilhas e traço de identificação de caboverdianos dispersos pelo mundo.

Permeando estudos sobre organização social, literatura e folclore, observamos, ainda, nos números seis e sete, publicados em 1948 e 1949, textos apresentando a Tabanca, estrutura ritual tradicional da Ilha de Santiago que se estende a outras ilhas. Assim, percebe-se logo numa leitura primeira, que o tradicional e o moderno são elementos que convivem no discurso da revista, sempre com o objetivo de reforçar a autonomização de um discurso identitário: o tradicional é o caminho para inaugurar o novo, a nova literatura caboverdiana, que apreende o espaço geográfico à luz da representação dos modernistas regionalistas brasileiros, mas enfatizando a pertença às tradições crioulas.

Dentre os países africanos que tiveram sua produção literária marcada pelo contato com as obras literárias brasileiras, Cabo Verde foi, sem dúvida, nas palavras de Manuel Ferreira, aquele no qual o fenômeno “atingiu maior expressão e profundidade” (FERREIRA, 1989, p. 150) e isso deve-se, sobretudo, ao diálogo empreendido entre os “Claridosos” e o movimento modernista brasileiro, tendo como figuras principais Manuel Bandeira, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo. O Brasil, ainda de acordo com Manuel Ferreira, foi a força catalisadora de um salto qualitativo para a literatura caboverdiana. Diante disso, é importante observar, contudo, que os contatos entre as literaturas brasileira e caboverdiana não constituem “influência” daquela sobre esta: o modernismo brasileiro constituiu num ponto de partida rumo a algo que os poetas e romancistas caboverdianos já ansiavam: marcar sua singularidade e alteridade frente os modelos lusófono-coloniais e as similaridades entre os referidos contextos e temas permitiram que tal fenômeno se desenvolvesse com maior intensidade.

Até o advento do movimento claridoso o discurso literário das ilhas caboverdianas reforçava os ideais coloniais, ou seja, Cabo Verde como extensão e parte de Portugal.

Manuel Brito-Semedo explica-nos em seu livro, **A construção da identidade nacional: Análise da imprensa entre 1877 e 1975** (2006), de que modo o processo de construção da identidade de Cabo Verde está associado ao processo de tomada da consciência da criouldade, que se inicia muito antes da independência, e que atuará como mote para as lutas de libertação. Embora a revista **Claridade** ainda não constituísse instrumento de veiculação das ideologias nacionalistas – é muito anterior à formação do partido político –, a ênfase na apresentação de aspectos culturais e regionais das ilhas ou o mergulho no chão crioulo traçará bases para estabelecer o que chamamos de caboverdianidade. Conforme aponta Brito-Semedo,

enquanto “nativismo” era a defesa do brio de populações portuguesas que não prescindem do direito de o ser, “regionalismo” era uma condição de unidade e de ordem e uma exigência dos superiores interesses da Nação. Segundo este posicionamento, todas as grandes figuras da História Portuguesa, quer sejam Nuno Álvares, Albuquerque, Camões ou Pombal seriam nativistas. A mesma atitude por parte dos cabo-verdianos, já seria considerado não nativismo mas regionalismo, no sentido de a defesa do seu brio de pertença ter a ver com um espaço geográfico restrito e específico dentro da Nação Portuguesa. (BRITO-SEMEDO, 2006, p. 314)

Detivemo-nos na análise da revista uma vez que nosso projeto de pesquisa de doutorado consiste na análise dos nove números publicados e visa verificar o modo como a tradição e modernidade dialogam nos textos publicados entre os anos de 1936 e 1960.

Nosso objeto de análise é a edição facsimilar organizada por Manuel Ferreira em 1986, por ocasião da comemoração dos 50 anos da Fundação da *Claridade*.

O termo “finaçom” apresenta várias grafias diferentes: finaçon, finaçom, finason. Optamos por utilizar a grafia Finaçom, por ser esta a presente na revista *Claridade*, porventura, poderão aparecer nas citações outras grafias da palavra.

Entendida assim como regionalista, a revista *Claridade* encontra na via literária, antropológica e folclórica o espaço para, ao mesmo tempo em que se esquivava da censura do estado-novo português, realizar o que Baltasar Lopes chama de intervenção cívica: “Tínhamos de intervir. (...) seria a imprensa a nossa arma” (FERREIRA, 1986, p. 12). Desse modo, os colaboradores-autores da revista *Claridade* atuavam na defesa dos interesses da população, e assim da caboverdianidade, buscando a efetividade da ação pelo viés artístico.

O que nos interessa no momento é analisar como o Batuque, manifestação cultural tradicional crioula, ligada às mulheres, está presente no primeiro número da revista *Claridade*, revista de Letras e Artes, considerada o marco da construção da caboverdianidade<sup>1</sup>. O enfoque que propomos evidencia nossa preocupação em mostrar como os textos iniciais da revista a posicionam em relação aos aspectos da tradição insular. As publicações da revista *Claridade* – Revista de Arte e Letras – ocorridas entre os anos de 1936 e 1960 – 9 números ao todo – englobam desde publicações de poemas, contos, trechos de romances, tratados linguísticos e sobre música, até textos sobre folclore, tradições populares e ensaios sociológicos<sup>2</sup>.

Investigar a materialização da tradição na revista implica debruçarmos-nos sobre sua representatividade no que se refere à identidade caboverdiana em geral.

No primeiro número da revista *Claridade*, publicado em março de 1936, o texto inicial, capa da publicação, é um texto sobre o Batuque da Ilha de Santiago. Dois pontos desse texto nos chamam a atenção: primeiro um texto escrito em crioulo, a língua caboverdiana e, segundo, por ser um texto que remonta à uma tradição do arquipélago. Lembremos, sobretudo, que no ano de 1936 Cabo Verde ainda era uma colônia portuguesa, a publicação de um texto na língua crioula é bastante significativa no processo de construção identitária.

O Batuque caboverdiano é uma manifestação tradicional que tem sua origem na ilha de Santiago, um ritual executado por mulheres que retoma as tradições de uma ilha caracterizada pela forte presença do elemento africano em sua formação, nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves, “Batuque é, porventura, a forma musical tradicional que mais define as nossas raízes (...) o Batuque é uma forma musical que se poderá talvez considerar como a mais antiga de Cabo Verde” (D’ALMEIDA, 2006, p. 16-17)§.

As discussões acerca da origem do Batuque são muitas e inconclusivas, no entanto, a hipótese que o coloca como originário de antigos ritos africanos é provavelmente a mais aceita. O ritual do Batuque é composto por certos elementos e partes: a “Finaçom”<sup>3</sup>, prelúdio, canto improvisado sobre os mais diversos assuntos realizado pela profeta e acompanhado pelo instrumento chamado “cimbó” ou “cimboa”, de origem sudanesa, que nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves é o atestado do parentesco em primeiro grau entre a cultura caboverdiana e a cultura da Costa Ocidental africana; a “tchabéta” ou “chabéta” a parte principal do Batuque, momento no qual são realizadas sons de percussão com o bater ritmado das mãos sobre panos; e o *torno*, dança

frenética executada por uma mulher ao centro, movimentos que muitas vezes evocam o ato sexual, do crioulo, “torno” significa sacurdir, saracotear com as nádegas, o homem pode até participar do Batuque, porém o Torno é uma dança executada exclusivamente pela mulher. De acordo com Armando Napoleão Gonçalves,

Batuque é uma cantilena acompanhada de cimboa, que canta, soluça, geme e chora, conforme o canto da viola que se despinica, e a Chabéta que segue o ritmo, ora brando e cadenciado, ora forte e repicado, acompanhando a letra e a cadência (Finaçom), seguido do torno. (Gonçalves, 2006, p.18)

Atualmente não se encontram mais tocadores de cimboa em Cabo Verde, há uma tentativa em recuperar o fabrico e uso do instrumento, de acordo com Carlos Filipe Gonçalves, o instrumento hoje tem sido utilizado como peça decorativa, por não existirem mais tocadores de cimboa no arquipélago.

Nas manifestações tradicionais do Batuque a ausência do tambor é explicada pelo fato de não existir, quando da chegada dos africanos escravizados vindos do continente, material adequado para a construção dos instrumentos, por esse motivo as mulheres utilizavam panos para obtenção do som.

Ao final do “torno”, a “tchabéta” diminui de intensidade, e o ciclo recomeça com a profeta entoando novamente a “finaçom”.

Obviamente tratamos aqui do Batuque tradicional, ou primitivo, uma vez que na versão moderna, alguns desses elementos não estão mais presentes ou foram adaptados, como a extinção da cimboa<sup>4</sup> e a substituição dos panos por tambores<sup>5</sup> ou a inserção do plástico para a obtenção de maior volume de som, evoluindo de uma apresentação de terreiro para um espetáculo de palco.

O Batuque santiaguense, em sua gênese, é marcado pela função social que traz, realizado antes e durante as festas tradicionais e cerimônias de casamento, é executado em um terreiro – do crioulo têtêro – e tem a mulher caboverdiana como personagem principal.

O Batuque teve uma função social, com uma utilização em ocasiões específicas: realiza-se geralmente antes e durante as festas de casamento, ou em comemoração de uma ocasião muito especial como nas noites de rituais da Tabanka ou durante as Festas de Santos (GONÇALVES, 2006, p. 16)

O fato de ser o Batuque executado tradicionalmente em ocasiões especiais também nos é significativo aqui, uma vez que o lançamento da revista **Claridade** marcou um importante momento na história cultural caboverdiana.

Embora o Batuque nos interesse como um todo, por ora, nos detemos na análise dos motivos de “Finaçom” publicados na edição número 1 da revista **Claridade**. De acordo com Carlos Filipe Gonçalves, o canto de “Finaçom” é sempre improvisado e versa sobre os mais variados motivos.

A “finaçom” é considerada herança direta das tradições africanas, uma vez que a figura das profetas, cantadeiras de “finaçom”, remete aos antigos “griôts” africanos e simbolizam o respeito pelos mais velhos enquanto guardiões da memória coletiva.

A finaçom é geralmente entoada por uma mais velha, que transmitirá, com sua voz áspera e sua parte de improvisação, a sua crônica da existência, sua pedagogia social, os conselhos morais, por meio da filosofia dos provérbios, críticas ou recomendações (GOMES, 2008, p. 5)

Assim é compreensível o sentido de ensinamento da “finaçom”, que além de transmissão de experiência, evidencia a importância da língua crioula na expressão da identidade caboverdiana. Por esse motivo a execução do ritual do Batuque foi amplamente combatida, entre os finais da década de 1930 até a independência de Cabo Verde, pelas autoridades coloniais e a Igreja, nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves uma das maneiras de atingir diretamente o Batuque foi denegrindo sua origem e natureza denominando-a de “música de preto”, “música não civilizada”, assim havia uma supervalorização da cultura europeia em detrimento da cultura africana. Obviamente, não foi somente esse fator que provocou a transformação do Batuque, mas com certeza contribuiu muito para o enfraquecimento de suas características originais.

Quando em 1936, a revista **Claridade** traz em seu número um texto do Batuque da ilha de Santiago o faz também numa atitude de resistência da criouldade. Observamos também em outros números da revista textos referentes ao Batuque, como o ensaio “O Folclore poético da Ilha de S. Tiago”, escrito por Baltasar Lopes e publicado no número 7 da revista, em 1947, portanto, no auge da repressão. O texto de Baltasar Lopes aparece em seguida a quatro “finaçons” e um Batuque, todos em crioulo, da ilha de Santiago recolhidos também pelo claridoso. Outro aspecto importante é que o ensaio de Baltasar Lopes aparece no número seguinte ao que publicou também uma “finaçom” – revista **Claridade** n° 6 de dezembro de 1949-, seguida de um breve comentário sobre as poesias relacionadas ao Batuque santiaguense.

Em seu ensaio, Baltasar Lopes apresenta a “finaçom” como “a expressão de regras morais, de normas de comportamento e de conceitos elaborados pela experiência” (LOPES, *apud* FERREIRA, 1988). Aparece, portanto, como manifestação cujas bases estão na cultura popular, ou seja, na tradição. Os versos da “finaçom”, ainda de acordo com Baltasar Lopes, são instrumentos apoderados pela população para manifestar, “em termos poéticos”, no terreiro do Batuque, sua censura ou seu elogio aos fatos da vida caboverdiana, o que Baltasar Lopes chama de “aptidão para o metaforismo”. A respeito da metrificação Baltasar Lopes diz,

Não conheço nenhuma finaçom que apresente regularidade métrica. A letra está intimamente ligada à toada que se canta no terreiro, mas suponho que o próprio tom de cantilena arrastada da melodia permite que o cantador organize os versos ao sabor da improvisação, e sem necessidade de obediência a ritmos certos (**Claridade** n° 7, p. 49)

Baltasar apresenta então dois aspectos que ele considera fundamentais para a compreensão do Batuque: o Batuque propriamente dito – tchabéta, canto com cimbó e o torno – e a “finaçom”, é possível observar que ele coloca a “finaçom” como atividade poética que pode ser compreendida independentemente do ritual completo do Batuque. Com o que ele chama de características de romanceiro, a “finaçom” se mostra como uma “tentativa de expressão da ressonância que na alma do povo deixou a lição da vida da personagem contemplada...” (**Claridade** n° 7, p. 47). Por outro lado, as “finaçons” publicadas na **Claridade** não

versam somente sobre figuras heróicas, mas também sobre os mais variados motivos.

Observemos agora os dois motivos de “finaçom” publicados na revista *Claridade* nº 1 de 1936,

Texto 1

Pedi a Deus

para não me matar demasiado idoso

porque

idoso iria muito esturrado

novo iria atravessado

à subida iria encolhido

na descida iria apumado

na planície iria sereno

Quando for grande

e puder

mandarei arrombar o Pico de António

para poder ver dentro de Chuva-Chove!<sup>16</sup>

Texto com tradução livre do professor caboverdiano Tomé Varela, renomado pesquisador das tradições orais e também responsável pela recolha e, portanto, do registro das improvisações feitas pelas cantadeiras de *Finaçom* Nha Bibinha Cabral e Nhá Nácia Gomi, trabalho lembrado por Carlos Filipe Gonçalves na obra *Kab Verd Band* (2006). Texto original: ‘M pidi Nhôr-Dés/ pé câ matám bedjo di-más / pamodi / bedjo ‘n tá bá storido / nobo ‘n tá bá di trabessado / na subida ‘n tá bá mondudo / na dixida ‘n tá bá stendedo / na trabessa ‘n tá bá sereno / Quel hó qu’n grandí / qu’m pôdê / ‘n tá mandâ rombâ Pic’ Antone / pân djobê dento chuba chobê!

Um aspecto primordial da Finaçom é o improvisado. Nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves o que se pode encontrar hoje em Cabo Verde são apenas os ecos de tais improvisações, uma vez que no espetáculo de palco em que o Batuque tradicional se transformou, praticamente não há mais a presença da Finaçom, o fato de ser executado em língua crioula, acredita-se, ser o principal motivo para sua exclusão das execuções de palco, uma vez que as variantes da língua caboverdiana ofereciam obstáculos a sua compreensão.

No texto que agora analisamos é possível observar o tom de improviso, ao falar da morte, é possível também perceber que o cantador – anônimo – o faz de modo bem humorado, o tempo certo para morrer é o aspecto principal, uma vez que “No Batuque os versos dos cânticos satirizam e criticam acontecimentos da vida social (e até pessoal) ou louvam certas personagens. Outras vezes, os temas podem girar à volta de simples brincadeiras sem maldade” (GONÇALVES, 2006, p. 20).

As dicotomias velho/novo, idoso/jovem, subida/descida sinalizam oposições do próprio dia-a-dia. Os versos publicados pela *Claridade* não possuem métrica, no entanto, é possível perceber o ritmo compassado. Obviamente a tradução acaba por imprimir nova leitura dos versos o que afeta uma análise da metrificação.

No que concerne à temática, porém, é possível observar e destacar alguns elementos, um deles é a religiosidade. A menção ao poder divino, ao relacionamento com Deus evidencia a religiosidade do povo caboverdiano, embora o Batuque seja um ritual surgido na ilha de Santiago,

que tem como elemento predominante a cultura africana, o catolicismo europeu acabou por se incorporar de modo definitivo na cultura do arquipélago.

Observamos também que os versos não parecem ter uma sequência muito lógica, o que há é um objetivo de registrar os elementos naturais da Ilha de Santiago. Com relevo bastante acidentado a Ilha de Santiago é evidenciada pelo cantador ao falar em subida, descida, planície. A menção ao Pico de António, ponto mais elevado da Santiago e terceira maior elevação do arquipélago, destaca mais uma vez o apego aos elementos naturais da ilha. A última estrofe da Finaçom também nos propõe reflexões, “quando for grande”, a grandeza permite até mesmo interferir nos aspectos naturais e provocar a transformação, Chuva-Chove é nome de uma localidade da ilha de Santiago.

O segundo motivo de Finaçom publicado no nº 1 da revista também versa sobre a oposição entre mocidade e velhice e apresenta outros elementos indistintos na cultura caboverdiana,

Texto 2

Mocinhos sem namoradas

são como boca sem bocado

são como carne sem mandioca

são como copo sem garrafa.

Se estou com a velhice

a enfadar-me

se estou com a mocidade

a excitar-me

Minha gente

se não gritar

não sou atendido

se não gritar

me arrebento!<sup>7</sup>

Texto com tradução livre do professor Tomé Varela. Texto original: Mocinhos sim namorado / ê sim mã boca sim bocado / ê sim mã carnism mandioca / ê sim mã copo sim garafa. / S'in tenê bedjo / tâ' infadâm / s'in tenê nobo / ta borregam / Nha guenti / s'in ca pupa / n'ca cudido / s'in pupa / 'n ta rabenta!

Assim como no texto anterior, o segundo motivo de Finaçom publicado pela revista **Claridade** nº 1 retrata elementos relacionados ao cotidiano caboverdiano, mais uma vez versando a respeito da oposição entre mocidade e velhice, porém, diferentemente do primeiro motivo, que refere-se a aspectos do relevo da ilha, o segundo aponta elementos também dos costumes culinários santiaguense – carne com mandioca, o grogue – entre outros elementos.

A menção feita ao grito é significativa, uma vez que este representa o falar, o se expressar, direito tão importante à “sobrevivência”. Ao pensarmos na contextualização de surgimento da revista **Claridade**, o que nos chama a atenção, além da temática que elenca elementos da

cultura crioula, a própria forma de expressão, a língua crioula, a língua caboverdiana. O grito está, portanto, na aliança entre esses elementos todos.

No ritual do Batuque a mulher caboverdiana tem sua voz, nas palavras de Evaristo d'Almeida, "trinta ou mais bocas femininas se abrem e dão liberdade às vozes." (D'ALMEIDA, 1989, p. 77), vozes sofridas e marcadas pelas agruras do cotidiano e que também são capazes de impor resistência aos obstáculos impostos pelo colonialismo e manter firmes as raízes que definem a cultura crioula.

A proposta da revista **Claridade** foi de uma travessia rumo à consolidação de um projeto cultural e literário que, inevitavelmente, abalaria também os aspectos sociais e políticos das ilhas. O lema dos claridosos era "fincar os pés no chão", o apelo telúrico é evidenciado na contribuição que a revista **Claridade** traz para a divulgação e discussão acerca dos aspectos culturais das ilhas, como observamos nos ensaios literários, folclóricos, linguísticos e filológicos publicados em seus nove números.

## ABSTRACT

This paper is grounded on my PhD thesis project, presented at and accepted by the Universidade de São Paulo – USP –, whose main goal is to thoroughly analyze the nine issues of the Cape Verde's journal of Literature and Arts. The ultimate goal is to analyze how the capeverdean identity construction – named as caboverdianidade – is represented on the local publishing ranging over the 1930s up to 1960s, guiding on rescue cultural tradition from Cape Verde in a literary modernity context. So we'll analyze one of the most important cultural manifestation from the archipelago, the "Batuque".

Key words: Claridade; Cape Verde Literature; Brazilian Modernism; Tradition; Batuque.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Manuel (Org.). **CLARIDADE**. 2ª. Ed. Fac-similar. Lisboa, ALAC, 1986.
- D'ALMEIDA, José Evaristo. **O escravo**. 2 ed. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.
- GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: Literatura em chão de cultura**. Cotia: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 2008.

GOMES, Simone Caputo. Olhares Transversais da escrita literária sobre a cultura identitária do arquipélago: do dilema do “primeiro” romance cabo-verdiano à produção contemporânea. XI Congresso da Abralic, 2008, São Paulo. Disponível em: <[http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/001/SIMONE\\_GOMES.pdf](http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/001/SIMONE_GOMES.pdf)>. Acesso em 02 jul 2010.

GONÇALVES, Carlos Filipe. **Kab Verd Band.** Praia, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006.

LOPES FILHO, João. **Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana.** Lisboa: Ulmeiro, 1983.

BRITO-SEMEDO, Manuel. **A construção da identidade nacional: análise da imprensa entre 1877 e 1975.** Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.